

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal : Governam Para Quem? O Estado Que Devora o País

Publicado em 2026-06-08 10:26:00



BOX DE FACTOS

- O governo de Luís Montenegro tomou posse em Junho de 2025 como governo minoritário de centro-direita, após a AD vencer as eleições sem maioria absoluta.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

contestação sindical, incluindo greve geral em 3 de Junho de 2026.

- Em 2026, a idade normal de acesso à pensão de velhice em Portugal é de 66 anos e 9 meses.
- A Comissão Europeia projecta que a despesa pública com pensões em Portugal suba de 12,8% do PIB em 2025 para 15,1% em 2045.
- A OCDE alerta que o envelhecimento, a falta de mão-de-obra, o investimento fraco e a produtividade baixa continuam a limitar o crescimento português.
- Segundo a OCDE, a produtividade laboral portuguesa estava, em 2022, 19% abaixo da média da OCDE.
- A Transparency International atribui a Portugal 56 pontos em 100 no Índice de Percepção da Corrupção de 2025, colocando o país no 46.º lugar entre 182 países.
- A OCDE indicou que, em 2024, a despesa pública portuguesa representou 42,8% do PIB.
- O GRECO, do Conselho da Europa, reconhece progressos em Portugal no combate à

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

para insuñciências de transparência e rastreabilidade no uso dos fundos europeus de recuperação.

Governam Para Quem? O Estado Que Devora o País

Há países governados para libertar os cidadãos. E há países governados para manter a máquina a respirar. Portugal, demasiadas vezes, parece pertencer à segunda categoria: uma democracia formal onde o Estado promete servir o povo, mas acaba frequentemente a servir-se dele.

Portugal chegou a 2026 com uma pergunta suspensa sobre a cabeça do país como uma lâmpada nua numa sala fria: **que governação é esta, e para quem governa esta gente?**

A pergunta não nasce apenas de uma irritação momentânea com um governo, um primeiro-ministro ou uma reforma laboral. Nasce de décadas de acumulação:

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

dependentes de dinheiro público, sectores protegidos, corporações intocáveis e uma classe política que parece sempre descobrir a sustentabilidade quando olha para os pobres — e a complexidade jurídica quando olha para si própria.

Não é apenas Montenegro. Montenegro é o episódio actual de uma série antiga. A figura muda, o cenário muda, o slogan muda, mas a peça tem um enredo conhecido: o país real aperta o cinto, o país oficial aperta o nó da gravata.

Montenegro como sintoma, não como origem

Luís Montenegro governa em minoria desde Junho de 2025, num Parlamento fragmentado e num país cansado de instabilidade política. Formalmente, tem legitimidade democrática para governar. Mas há uma diferença enorme entre ter legitimidade para governar e compreender o espírito da democracia.

A democracia não é apenas contar votos. É também escutar. É perceber que a oposição não é inimiga, que os sindicatos não são ruído, que os cidadãos não são obstáculos administrativos, que a contestação social não é uma insolência de plebeus mal informados. Governar em

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mais de 100 artigos do Código do Trabalho, é um exemplo claro dessa tensão. O governo afirma querer produtividade, crescimento e competitividade. Objectivos nobres, sem dúvida. Mas quando a produtividade aparece sempre traduzida em flexibilidade para o empregador, facilidade de despedimento, horários mais elásticos e maior insegurança para quem trabalha, então a palavra “modernização” começa a soar a velho chicote com verniz novo.

Portugal precisa de produtividade. Mas produtividade não se constrói apenas mexendo nos direitos dos trabalhadores. Constrói-se com gestão competente, capitalização das empresas, tecnologia, formação, inovação, escala, investigação aplicada, justiça rápida, administração simples e investimento sério. Pedir produtividade a trabalhadores mal pagos, em empresas pouco modernizadas e num país burocraticamente pesado é como pedir a uma carroça que ganhe uma corrida de Fórmula 1 depois de lhe trocar apenas a pintura.

A democracia que confunde governo com mando

O problema português não é apenas económico. É profundamente cultural e institucional. Herdámos de séculos de centralismo, autoritarismo brando, reverência ao cargo e

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Governar convence. Mandar vence votações. Governar constrói confiança. Mandar vê inimigos. Governar reconhece adversários. Mandar produz obediência. Governar produz responsabilidade colectiva.

Há décadas que Portugal oscila entre governos que anunciam reformas e cidadãos que desconfiam delas. E a culpa dessa desconfiança não está apenas no povo. Está numa história longa de promessas traídas. Cada reforma aparece como inevitável, técnica, europeia, racional, inadiável. Mas quase sempre o sacrifício desce a mesma escada: cai sobre os trabalhadores, os reformados, os contribuintes sem fuga possível, as pequenas empresas sem consultores fiscais de luxo, os jovens sem herança e os pobres sem advogado.

O Estado pede confiança, mas oferece opacidade. Pede sacrifícios, mas preserva privilégios. Pede paciência, mas vive com pressa quando se trata de proteger os seus. Pede produtividade, mas multiplica obstáculos. Pede responsabilidade, mas raramente assume culpa.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Em 2020, a idade normal de acesso à pensão de velhice é de 66 anos e 9 meses. A poucos passos dos 67 anos, o cidadão português recebe a mensagem implícita: trabalha mais, desconta mais, espera mais. E, ainda assim, a Comissão Europeia continua a avisar que a sustentabilidade do sistema de pensões está sob pressão, projectando uma subida da despesa pública com pensões de 12,8% do PIB em 2025 para 15,1% em 2045.

A demografia é real. O envelhecimento é real. A esperança média de vida aumentou. A relação entre activos e pensionistas piorou. Tudo isso deve ser discutido com seriedade. Mas a pergunta moral mantém-se: **porque é que a sustentabilidade parece sempre uma espada sobre o reformado pobre e raramente uma lâmina sobre o desperdício, a duplicação administrativa, os privilégios históricos, os regimes especiais e as rendas instaladas?**

O país diz aos seus cidadãos: trabalhem até mais tarde porque o sistema precisa. Mas não diz com igual firmeza: vamos cortar no supérfluo do Estado, vamos encerrar organismos inúteis, vamos auditar fundações dependentes de dinheiro público, vamos acabar com duplicações, vamos medir resultados, vamos responsabilizar gestores públicos,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

severo, pontual, automático e implacável. Para o poder, o Estado é muitas vezes elástico, interpretativo, compreensivo e generoso. É aqui que nasce a raiva. Não nasce apenas da pobreza. Nasce da desigualdade moral entre quem paga e quem administra o pagamento.

Salários baixos: o velho milagre português da sobrevivência

Portugal tem salários baixos há demasiado tempo. O salário mínimo subiu para 920 euros em 2026, mas continua a representar uma tentativa de sobrevivência, não uma promessa de vida digna para uma família em zonas onde a habitação se tornou quase confiscatória.

A OCDE reconhece que os salários reais têm recuperado, mas também identifica o problema estrutural: a produtividade portuguesa continua baixa. Um relatório da OCDE sobre produtividade indicava que, em 2022, Portugal estava 19% abaixo da média da OCDE em produtividade laboral. Mas a produtividade não é uma culpa individual do trabalhador português. É o resultado de uma economia mal estruturada, de empresas pouco capitalizadas, de investimento insuficiente, de gestão fraca, de burocracia pesada, de justiça lenta, de baixo conteúdo tecnológico e de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

simpática: sol, segurança, turismo, hospitalidade, baixos custos. Mas há uma linha fina entre ser competitivo e ser barato. E Portugal, demasiadas vezes, confundiu estratégia económica com desconto permanente sobre o trabalho dos portugueses.

O país orgulha-se de atrair investimento, mas raramente pergunta que tipo de investimento quer. Quer centros de decisão, tecnologia, investigação, indústria avançada, soberania digital e salários europeus? Ou quer apenas mais serviços, mais plataformas, mais alojamento, mais turismo, mais mão-de-obra barata e mais jovens bilingues a ganhar como se estivessem eternamente em estágio?

Uma nação que paga mal ao seu talento não está a poupar. Está a exportar futuro.

A Administração Pública como polvo

A Administração Pública portuguesa tem bons profissionais, gente séria, técnicos competentes e funcionários que trabalham muitas vezes em condições difíceis. A crítica não é a esses servidores públicos. A crítica é à estrutura: ao polvo.

O polvo administrativo tem direcções, subdirecções, institutos, observatórios, autoridades, entidades, comissões,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Quando o cidadão tenta libertar-se, descobre que cada ventosa tem um formulário.

Segundo a OCDE, em 2024 a despesa pública portuguesa representou 42,8% do PIB. Isto, por si só, não prova desperdício: há países com despesa pública elevada e serviços excelentes. O problema português é outro: o cidadão paga como europeu, mas muitas vezes recebe como quem está numa sala de espera sem relógio.

O Estado cobra impostos, taxas, contribuições e obrigações com uma eficácia crescente. Mas quando tem de devolver serviços em saúde, justiça, educação, habitação, transportes, licenciamento, fiscalização ou segurança jurídica, entra frequentemente em modo nevoeiro. A máquina é pesada para cobrar e leve para responder.

A grande reforma administrativa nunca foi feita. Fala-se dela há décadas, como quem fala de uma ponte sobre um rio que ninguém atravessa. Digitalizaram-se processos, mas não se aboliu a mentalidade do carimbo. Criaram-se portais, mas não se eliminou a suspeita sobre o cidadão. Substituiu-se a fila física por labirintos electrónicos. O balcão fechou; o problema ficou.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal tem um vasto ecossistema de entidades públicas, privadas sem fins lucrativos, fundações, associações, institutos e organizações que se relacionam com dinheiro público. Muitas fazem trabalho meritório. Seria injusto colocá-las todas no mesmo saco. Mas seria ingénuo fingir que não há, neste universo, zonas cinzentas, dependências crónicas, duplicações, opacidade e benefícios mal avaliados.

A pergunta deveria ser simples: cada euro transferido produz que valor social mensurável? Que actividade concreta financia? Que resultados entrega? Que auditoria independente confirma o impacto? Que entidade deixaria de existir amanhã se o contribuinte fechasse a torneira?

Em Portugal, porém, a pergunta simples torna-se inconveniente. Porque o dinheiro público raramente é apenas dinheiro. É relação. É influência. É sobrevivência institucional. É rede. É dependência. É gratidão. E, em alguns casos, é silêncio.

O problema não está em apoiar cultura, ciência, solidariedade, educação ou inovação. O problema está em transformar apoio público em ecossistema de conforto para entidades que vivem mais da proximidade ao Estado do que da utilidade demonstrada à sociedade.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

já não pelo respeito.

Corrupção: a humidade que nunca seca

A corrupção portuguesa não aparece sempre com mala preta e cinema policial. Muitas vezes aparece de fato cinzento, parecer jurídico, despacho, consultoria, nomeação, ajuste, proximidade, porta giratória ou favor antigo.

A Transparency International coloca Portugal com 56 pontos em 100 no Índice de Percepção da Corrupção de 2025, no 46.º lugar entre 182 países. Não somos um Estado falhado. Mas também não somos uma democracia limpa ao ponto de poder dar lições. Somos um país onde a corrupção parece humidade: nem sempre se vê, mas sente-se no cheiro da parede.

O GRECO, do Conselho da Europa, tem reconhecido progressos em Portugal, mas continua a pedir reformas adicionais no combate à corrupção e na integridade das instituições. Esta linguagem diplomática, traduzida para português corrente, quer dizer: fizeram alguma coisa, mas ainda há muito por fazer.

E há uma forma de corrupção ainda mais subtil do que a corrupção criminal: a corrupção da selecção. Quando se

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

prisão. Mas destrói países.

A Europa: fiscal distante, cúmplice involuntária

A União Europeia funciona muitas vezes como fiscal externo de Portugal. Avisa sobre pensões. Avisa sobre sustentabilidade. Avisa sobre produtividade. Avisa sobre justiça. Avisa sobre corrupção. Avisa sobre execução de fundos. Avisa sobre reformas estruturais.

Mas a própria Europa também alimenta uma ilusão perigosa: a de que financiamento substitui transformação. Portugal recebeu e continua a receber fundos europeus significativos. Porém, o Tribunal de Contas Europeu alertou em 2026 para insuficiências de transparência e rastreabilidade na informação pública sobre destinatários, custos reais e resultados alcançados no Mecanismo de Recuperação e Resiliência.

Isto é essencial: não basta receber dinheiro. É preciso saber quem recebeu, quanto recebeu, para quê recebeu, que resultado produziu e que país ficou depois da despesa. Caso contrário, os fundos tornam-se fertilizante para o mesmo velho terreno: projectos bonitos, inaugurações, relatórios,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

de uma ética de execução. Precisa de transformar dinheiro em capacidade produtiva, ciência, tecnologia, indústria, habitação, justiça eficiente e Administração Pública simples. Sem isso, cada pacote europeu é apenas mais uma transfusão num corpo que continua a perder sangue por feridas antigas.

A governação de décadas: PS, PSD e o condomínio do regime

Seria fácil fazer desta crónica um ataque apenas ao governo actual. Seria também demasiado cómodo. O problema é mais fundo. Vem de décadas de governação alternada, onde PS e PSD, com apoios variáveis, construíram uma espécie de condomínio político-administrativo. Disputam o poder, acusam-se mutuamente, dramatizam diferenças, mas partilham frequentemente uma mesma cultura de ocupação do Estado.

Um país não chega a este ponto por acidente. Chega por sedimentação. Uma nomeação aqui. Uma fundação ali. Um instituto acolá. Uma lei confusa. Um regulador capturado. Uma justiça lenta. Um concurso desenhado. Uma reforma adiada. Um favor tolerado. Uma incompetência promovida. Uma mediocridade condecorada. Um jovem que emigra. Um velho que espera. Uma escola que falha. Uma empresa que desiste. Uma família que já não acredita.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

los com disciplina. Bons a anunciar reformas. Maus a reformar realmente o que mexe com interesses instalados.

E assim o país vai vivendo entre a estatística aceitável e a vida insuportável. Cresce um pouco, mas não transforma. Atrai visitantes, mas perde filhos. Equilibra contas, mas desequilibra destinos. Fala de futuro, mas governa como quem administra uma herança cansada.

Para quem governam?

Governam para quem?

Governam para o trabalhador que ganha pouco e paga muito? Para o reformado que trabalhou uma vida inteira e continua a ser tratado como encargo contabilístico? Para o jovem que estudou, se preparou, fala línguas, domina tecnologia e mesmo assim não consegue casa nem futuro? Para a pequena empresa que se afoga em obrigações? Para o cidadão que espera anos por justiça? Para o professor cansado, o médico exausto, o enfermeiro emigrável, o polícia mal pago, o técnico competente ignorado?

Ou governam para manter o equilíbrio da máquina? Para os aparelhos. Para os compromissos. Para os sectores protegidos. Para as clientelas discretas. Para os gabinetes.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Esta é a pergunta que o país oficial não gosta de ouvir, porque obriga a rasgar o biombo da linguagem técnica. Quando se corta numa pensão mínima, é sustentabilidade. Quando se poupa num serviço público essencial, é consolidação. Quando se mexe em direitos laborais, é competitividade. Quando se protege uma renda instalada, é estabilidade institucional. Quando se evita cortar privilégios, é complexidade jurídica.

A linguagem do poder é uma alfaiataria moral: faz fatos à medida para cada injustiça.

O país que poderíamos ser

Portugal poderia ser muito mais do que isto. Poderia ser um pequeno país europeu de alta qualidade institucional, administração simples, justiça rápida, educação exigente, tecnologia aplicada, indústria avançada, soberania digital, mar científico, energia limpa, cidades habitáveis e interior inteligente.

Tínhamos escala para experimentar. Europa para financiar. Atlântico para ligar. Diáspora para projectar. Universidades para formar. Talento para inovar. Segurança para atrair. Cultura para seduzir. História para inspirar.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Um país não morre apenas quando perde soberania. Morre também quando perde ambição. Quando aceita salários baixos como fatalidade. Quando aceita jovens emigrados como normalidade. Quando aceita justiça lenta como paisagem. Quando aceita corrupção como folclore. Quando aceita incompetência como preço da paz social. Quando aceita que a democracia seja apenas uma cerimónia periódica de escolha entre gestores do mesmo cansaço.

A conclusão incómoda

A governação portuguesa de décadas criou um país onde o Estado é grande, mas nem sempre forte; onde a democracia existe, mas nem sempre escuta; onde a economia cresce, mas nem sempre dignifica; onde há liberdade, mas demasiada dependência; onde há eleições, mas pouca responsabilização; onde há reformas, mas raramente justiça moral na distribuição dos sacrifícios.

A situação é grave porque a confiança está a ser corroída. E quando a confiança se perde, a democracia fica vulnerável a duas tentações igualmente perigosas: a resignação dos mansos e a fúria dos salvadores.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

paguem melhor, escolas que formem pensamento, políticos que saibam ouvir e governos que percebam uma verdade elementar:

governar não é administrar a paciência dos pobres; é libertar o futuro de um povo.

Enquanto esta verdade não entrar nos gabinetes, nos ministérios, nos partidos, nos institutos, nas fundações, nas autarquias, nas empresas públicas e nas consciências, Portugal continuará a ser este país triste e luminoso: cheio de beleza, cheio de talento, cheio de possibilidades — e governado demasiadas vezes como se o seu destino fosse apenas aguentar.

Nota final: Esta crónica não nasce da crítica fácil ao país. Nasce precisamente do contrário: da dor de ver Portugal reduzido a uma gestão cansada da sobrevivência, quando poderia ser uma comunidade livre, inteligente, produtiva e digna. A pergunta “governam para quem?” é talvez a última pergunta decente antes da desistência. Enquanto ela for feita

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Referências e fontes credíveis

1. Reuters — Portugal's new minority centre-right government takes power — notícia sobre a tomada de posse do governo minoritário de Luís Montenegro em Junho de 2025.
2. Reuters — Portugal government presses ahead with labour reform bill opposed by unions — notícia sobre a reforma laboral e a alteração de mais de 100 artigos do Código do Trabalho.
3. Reuters — Portugal general strike over labour reform — notícia sobre a greve geral de 3 de Junho de 2026 contra a reforma laboral.
4. Gov.pt — Requerer a pensão de velhice — informação oficial sobre a idade normal de acesso à pensão em 2026: 66 anos e 9 meses.
5. European Commission — Portugal 2026 Country-Specific Recommendation — documento sobre sustentabilidade orçamental, envelhecimento e pressão futura da despesa com pensões.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

7. **OECD — Insights on Productivity: Portugal** — nota sobre a produtividade laboral portuguesa face à média da OCDE.
8. **Transparency International — Portugal** — Índice de Percepção da Corrupção de 2025: Portugal com 56/100 pontos e 46.º lugar entre 182 países.
9. **OECD — Government at a Glance 2025: Portugal** — dados sobre despesa pública portuguesa em percentagem do PIB.
10. **Council of Europe / GRECO — Portugal anti-corruption progress and further action needed** — avaliação sobre progressos e necessidades adicionais no combate à corrupção.
11. **European Court of Auditors — Special Report 14/2026: RRF traceability and transparency** — relatório sobre insuficiências de transparência, custos reais, destinatários e resultados no Mecanismo de Recuperação e Resiliência.

Francisco Gonçalves

Fragmentos do Caos

Crónica escrita em colaboração com **Augustus Veritas**,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

*Esta crónica é uma gigante pedrada no charco —
um choque de realidade, para um país que se
habitua a chamar prudência à cobardia,
estabilidade à imobilidade e governação à
simples administração da paciência dos pobres.*

Nota editorial: Caro leitor, Estas crónicas
nasceram da minha lucidez e do meu desalento cívico
— e dei-lhes forma, corpo e lâmina.

*Há textos que não são escritos para agradar. São
escritos para **acordar**, para pôr o dedo na ferida,
para lembrar que a realidade não desaparece só
porque a embrulham em discursos, indicadores,
conferências e “**reformas estruturais**” com
perfume tecnocrático.*

*E sim: são crónicas de realidade. Não de ódio. Não
de ressentimento. De quem ainda ama
suficientemente o país para se indignar com aquilo
em que o deixaram transformar-se.*

*Enquanto houver palavra livre, ainda há combate.
E enquanto houver combate lúcido, **Abril ainda não***

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)